

# A PEREGRINAÇÃO DE FERNAO MÊNDES PINTO REVISITADA

A SUA TEORIA MODERNA DA VIAGEM

ARNALDO SARAIVA\*

**Resumo:** Nesta revisita à Peregrinação, que no nosso tempo, como no século em que foi publicada, continua a conhecer um sucesso invulgar, avançam-se razões desse sucesso, e apontam-se áreas privilegiadas da sua crítica – às vezes sem relevância estético-literária, como a das «mentiras» histórico-biográficas – e áreas deficitárias, com especial relevo para a teoria da viagem; precisado o sentido laico e religioso de «peregrinação», que implica o plano autobiográfico e diegético e a estrutura narrativa, um tipo de aventureiro e um retirado memorialista, a obra única de Mendes Pinto até pela obsessão da ideia de viagem e pela tonalidade anti-épica parece próxima da melhor e moderna literatura do género.

**Palavras-chave:** Fernão Mendes Pinto; Literatura de viagens; Anti-épico; Memorialismo.

**Abstract:** In revisiting the Peregrinação, which in our time as in the century it was published, has enjoyed unusual success, reasons for this popularity are put forward, and privileged areas of its critiques are highlighted – some without aesthetic-literary relevance, such as the historical-biographical «lies» – and areas which have been neglected, such as those with particular importance for the theory of travel. The lay and religious meaning of «peregrinação (pilgrimage)» is explored, which implies focus on the autobiographical and diegetic plane and narrative structure, a type of adventurer and secluded memoirist, the unique work of Mendes Pinto, even for its obsession with the idea of journey and anti-epic tone, seems close to the best of modern literature of the genre.

**Keywords:** Fernão Mendes Pinto; Travel literature; Anti-epic; Memorialism.

CURIOSITAS

No ano de 1614 podem assinalar-se alguns acontecimentos relevantes:

- entre a Suécia (governada por Gustavo Adolfo), e a Rússia (governada desde o ano anterior pelo primeiro Romanov, Miguel), iniciou-se uma guerra para conseguir o domínio do Báltico;
- em França, a rainha Maria de Médicis convocou os Estados Gerais, que depois só voltariam a ser convocados durante a Revolução Francesa, a fim de travar os seus opositores nobres;
- no Japão, o shogun Tokugawa Iyeyasu promulgou o Edito da Expulsão Cristã, proibindo as doutrinas e as práticas do cristianismo;
- na Alemanha, as lutas religiosas levaram ao Treaty of Xantem, que dividiu domínios ou ducados entre calvinistas e católicos;
- em Espanha, morreu o pintor de origem cretense, El Greco;
- na Inglaterra, John Webster concluiu a sua tragédia *The Duchess of Malfi*, obra prima do teatro elisabetiano (e Shakespeare, como Cervantes, morreria dois anos depois).

\* Professor catedrático da FLUP. Investigador do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória».

Mas é bom lembrar que, nesse mesmo ano, foram publicadas em Portugal, sob o reinado de Filipe II, a *Quarta Década da Ásia*, de João de Barros, e, sobretudo, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto.

Como não era raro ao tempo, a *Peregrinação* tinha um amplo e publicitário subtítulo-resumo, não garantidamente da autoria de Fernão Mendes Pinto, e susceptível de aguçar a curiosidade dos leitores ou dos clientes do editor lisboeta Pedro Craesbeek, por sinal o flamengo Peeter Van Craesbeeck, que, meia dúzia de anos depois, Filipe II nomearia impressor régio. Na metade superior da capa e do frontispício da obra podia ler-se:

*Peregrinação de Fernam Mendez Pinto. Em que se da conta de muytas e muyto estranhas cousas que vio & ouvio no reyno da China, no da Tartaria, no do Sornau, que vulgarmente se chama Sião, no do Calaminhan, no de Pegü, no de Martauão, & em outros muytos reynos & senhórios das partes Orientais, de que nestas nossas do Ocidente ha muyto pouca ou nenhũa noticia.*

*E também da conta de muytos casos particulares que acontecerão assi a elle como a outras muytas pessoas. E no fim dela trata brevemente de algũas cousas & da morte do Santo Padre mestre Francisco Xavier, unica luz & resplandor daquellas partes do Oriente & Reytor nellas universal da Companhia de Iesus.*



De Fernão Mendes Pinto, que nomeia duas vezes («Escrita pelo mesmo Fernão Mendes Pinto»), é que não se diz nada, mas dirá muito a obra. E o que esta diz não contraria a imagem que se colhe dos poucos dados biográficos seguros que dele se conhecem, a acreditarmos nalguns que ele próprio veiculou na mesma obra e nas suas escassas cartas:

- que nasceu por volta de 1510 no seio de uma família pobre de Montemor-o-Velho, a poucos quilómetros de Coimbra, no seu tempo e durante séculos sede da principal universidade portuguesa;
- que por um tio foi levado em 1521 para casa de uma nobre senhora de Lisboa, onde, cerca de um ano e meio depois, teve um «caso» misterioso, de que só diz que lhe «pôs a vida em tanto risco», que teve logo de fugir de casa;
- que depois da fuga precipitada foi de barco em direcção a Setúbal, mas, atacado esse barco por corsários franceses, foi pela primeira vez prisioneiro, durante 13 dias;
- que serviu noutra casa nobre de Setúbal, de onde também saiu, partindo a 11 de Março de 1537 de Lisboa, e desembarcando na Índia (Diu) em 5 de Setembro do mesmo ano;
- que andou por vários lugares orientais – Índia, Malaca, Samatra, Java, China, Macau, Japão, etc. –, cumprindo diversas tarefas ou missões e passando por experiências muito diferenciadas (da prática de soldado e de pirata à de noviço ou irmão leigo da Companhia de Jesus, da extrema pobreza ao enriquecimento rápido) e às vezes muito difíceis ou ousadas, tendo sido «treze vezes cativo e dezassete vendido» e regressando em Setembro de 1558 a Lisboa, que deixara 21 anos antes;
- que, já em Portugal, casou com mulher certamente bem mais jovem (pois ela morreu em 1623), que lhe deu filhos, e fixou-se na quinta do Pragal, em frente de Lisboa, perto de Almada, «vila» de que chegou a ser juiz, e quinta onde terá escrito a *Peregrinação*, e onde morreu com mais de 70 anos, em 8 de Julho de 1583.

Quer isto dizer que os 226 capítulos da *Peregrinação* foram compostos bem antes da sua publicação, póstuma de 31 anos; nos mesmos ou noutros moldes, o autor já a projectara no Oriente, pois, numa carta redigida em 5/12/1654, diz aos seus «irmãos» da Companhia de Jesus que lhes dará «alguma relação» do «discurso» da sua vida e dos seus trabalhos. Supõe-se que o autor a começou em 1569, quando andaria perto dos 60 anos, e a terminou cerca de dez anos depois, tendo-a portanto escrito já longe dos tempos e dos espaços nela referenciados, e numa idade favorável à narração memorialística e autobiográfica, com as virtudes e os defeitos que tal narração como regra implica: a enunciação próxima da oralidade (há memórias que fazem concessões ao discurso reflexivo e à demora descritiva, mas as memórias são mais frequentemente colecções de contos), a fluência e a flutuação narrativa, a invocação e o privilégio da experiência própria – mesmo se, como também ocorre na *Peregrinação*, há recurso ao livresco – algumas falhas ou trocas referenciais, a fixação em cenas ou pormenores exemplares, mesmo quando anedóticos, a tendência para a reconstrução encarecedora, a passagem consciente ou inconsciente do vivido ao fictivo.

A mistura da história e da estória (da verdade e da ficção), que geraria o tão repetido trocadilho «Fernão mentes? Minto», a referência a terras e gentes estranhas para a maior parte dos leitores de então, mesmo que já houvesse um importante conjunto de relatos sobre o Oriente, mas também a *verve* e a ironia, às vezes brilhando no interior de cenas dramáticas e de longas ou desdobradas frases, garantiram, mau grado o *décalage* entre a produção e a publicação, o sucesso imediato e internacional da *Peregrinação*, mensurável em edições, completas ou parciais, em antologias, em traduções, em comentários, que nos nossos dias se multiplicaram, e se valem de novos suportes e de novas linguagens, sejam as do teatro (por exemplo, de Helder Costa / *A Barraca*), as do documentário cinematográfico e até da banda desenhada (José Ruy), ou as da canção, que pode ser tão popular como a de Fausto (*Por Este Rio Acima*, 1982).

Francisco Leite de Faria já em 1995 inventariou em livro *As Muitas Edições da Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*<sup>1</sup>. Assinalemos apenas que só no decurso do século XX foram feitas edições em

- 1908-1910 – com prefácio de Brito Rebelo (Lisboa, Livraria Ferreira)
- 1930-1931 – com nota bio-bibliográfica de Jordão de Freitas (Aguda/Vila Nova de Gaia, Cosmópolis)
- 1944-1945 – ed. de Costa Pimpão e César Pegado (Porto, Portucalense Editora)
- 1952-1953 – ed./com pref./de Adolfo Casais Monteiro (Lisboa/Rio de Janeiro, Sociedade de Intercâmbio Cultural Luso-Brasileiro/Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil)
- 1961-1984 – ed. de António José Saraiva (Lisboa, Sá da Costa)
- 1971 – ed. de Maria Alberta Menéres (Lisboa, Afrodite/Fernando Ribeiro de Melo)
- 1983 – reed. da ed. de Adolfo Casais Monteiro, 1952-1953 (Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda)
- 1983? – ed. de Neves Águas (Lisboa, Publicações Europa-América)
- 1984 – ed. de Aníbal Pinto de Castro (Porto, Lello & Irmão)
- 1995 – ed. fac-similada da de 1614, com apresentação de José Manuel Garcia

E note-se que várias destas edições tiveram reimpressões globais ou parciais.

Também seria interessante assinalar as muitas traduções que a *Peregrinação* conheceu, as primeiras das quais pouco depois da edição *princeps*:

- 1620 – em castelhano, por Herrera Maldonado (Madrid)
- 1628 – em francês, por Bernard Figuier (Paris)
- 1652 – em neerlandês (Amesterdão)
- 1653 – em inglês (Londres: *The Voyages and Adventures of Fernand Mendez Pinto*)
- 1671 – em alemão (Amesterdão)

---

<sup>1</sup> FARIA, (1995).

Com tanta edição, não admira que também seja impressionante a recepção crítica da obra de Fernão Mendes Pinto, que talvez tenha começado quando ela começou a ser escrita: o jesuíta Cipriano Soares dizia, num texto de 1569, que Fernão Mendes Pinto estava a escrever «un comentário de las cosas que vió en diuersos reynos»<sup>2</sup>. Evidentemente que não é possível aqui e agora dar conta das reacções que, ao longo de séculos, a *Peregrinação* provocou nos leitores e nos críticos. Digamos apenas que muitos destes se empenharam em analisar o que nela é histórico ou não (a verdade e a ficção); e assinalo que o nome de Fernão Mendes Pinto nem comparece na mais recente *História de Portugal*, editada no ano passado e já em 5.<sup>a</sup> edição, da responsabilidade dos «novos historiadores» Rui Ramos, Bernardo de Vasconcelos e Sousa e Nuno Gonçalo Monteiro. Outros ocuparam-se especialmente da sua geografia, da sua sociologia, da sua ideologia, da sua antropologia ou etnografia, da sua narrativa, da sua linguagem, do seu memorialismo, do seu autobiografismo.

Conviria assinalar que o interesse da *Peregrinação* vem também da sua violentação das fronteiras textuais determinadas por poéticas ou retóricas antigas, medievais e posteriores. Com razão escreveu José Manuel Garcia na sua «apresentação» da edição facsimilada:

*Com um carácter autobiográfico e reflectindo de forma directa as experiências de um português que andou por muito tempo em inúmeras terras longínquas, essa obra soube reunir todos os géneros literários então existentes, desde a crónica ao relato de naufrágios, cercos e batalhas, passando pela descritiva de terras e gentes (Geografia e Antropologia), a epistolografia, a roteirística e até as prosas doutrinárias, a crítica social e o panegírico, sem esquecer o recurso à cartografia*<sup>3</sup>.

Mas houve evidentemente estudiosos que se distinguiram na análise de Fernão Mendes Pinto ou da *Peregrinação*. Por exemplo: Cristóvão Aires, que, no início do século XX, em 1904, encontrou novos «subsídios» para o estudo da vida e a obra de Fernão Mendes<sup>4</sup>; Adolfo Casais Monteiro, que foi dos primeiros a sublinhar a pouca relevância da discussão sobre a ficção e a verdade na narrativa de Fernão Mendes Pinto, a importância da sua oralidade, a sua marginalidade estilística, tudo se conjugando para produzir «a mais viva, a mais apaixonante e a mais bela obra romanesca do seu século»; António José Saraiva, que, em estudos ou prefácios veementes, apresentou a *Peregrinação* como um «romance picaresco» e deu o seu autor como um «anti-herói» ou um «pícaro», contrastante «com os heróis dos crimes e dos outros livros de viagem» – distinguindo também a *Peregrinação* como «O mais interessante livro de viagens do século XVI português e um dos mais interessantes da literatura mundial»; Eduardo Lourenço, que viu em Fernão Mendes Pinto um precursor de Montesquieu e de Voltaire, que o definiu como um «aventureiro-penitente» e que assinalou a sua curiosidade infatigável e a sua

<sup>2</sup> GARCIA, 1995: 13.

<sup>3</sup> GARCÍA, 1995: 8.

<sup>4</sup> AIRES, 1904.

«inocência prodigiosa»<sup>5</sup>; Maria Alzira Seixo, que viu na *Peregrinação* marcas da narrativa medieval mas também a ideologia renascentista e a sensibilidade barroca<sup>6</sup>; Rebecca Catz, que, na tese de 1972, *Iconoclasm as Literary Technique: A Study of the Satiric Devices Used in the Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, traduzida em 1978 para português com o título *A Sátira Social de Fernão Mendes Pinto*, ou no livro *Fernão Mendes Pinto – Sátira e Anti-Cruzada na Peregrinação* (1981), soube medir a energia crítica e o alcance da sátira ou do protesto de um autor que supôs de origem ou cultura judaica, que – confessou numa entrevista ao *Boletim da Associação dos Professores de História* (n.º 3, Lisboa, 1989) – considerava como «um revolucionário, um não-conformista, /... / o pensador mais revolucionário da sua época, um génio original, ousado, e de ideias muito adiantadas, muito além da sua época, um homem universal». João David Pinto Correia lamentou «a visão uniformizadora» da ensaísta, mas não deixou de assinalar a sua qualidade universitária<sup>7</sup> e Aníbal Pinto de Castro julgou insuficientes os seus argumentos<sup>8</sup>, alinhando com o Armando Cortesão que, em 1943, escreveu na *Seara Nova* (n.º 842) o estudo «Fernão Mendes Pinto não era de origem judaica», mas não deixou de coincidir com ela ao assinalar na *Peregrinação* uma «profunda filosofia moral e religiosa».

Outros autores dão-nos conta, em ensaios por vezes breves, do variado mundo de interesses que desperta a obra de Fernão Mendes Pinto. Veja-se, por exemplo, de Maria Alzira Seixo, «O discurso literário da *Peregrinação*»; de Alberto Carvalho «a representação do espaço» na mesma obra<sup>9</sup>; de Maria Luisa Cusati<sup>10</sup>, «O léxico marítimo de Fernão Mendes Pinto»; de Erilde Reali a «Nota sobre o exotismo linguístico da *Peregrinação*» ou a tese sobre a «*Peregrinação* inconclusa»<sup>11</sup>; de José Gómez Tabanera<sup>12</sup>, o estudo sobre «o conhecimento etnográfico do longínquo Oriente» na *Peregrinação*; de Clemente Segundo Pinho<sup>13</sup> as notas sobre a «lexicografia» de Fernão Mendes Pinto; e, de Alfredo Margarido<sup>14</sup>, o texto sobre a «mutiplicité des sens dans l'écriture de Fernão Mendes Pinto».

Eduardo Prado Coelho, num texto de 1989, que apareceu como prefácio à edição de 2001 da *Peregrinação*, da responsabilidade de Maria Alberta Menéres, fez uma excelente enumeração<sup>15</sup> do que sobre essa obra «já se considera adquirido»:

1. Carácter picaresco; desenho de um anti-herói; sentido crítico dessa atitude.
2. Quase total diluição do sujeito da enunciação no sujeito do enunciado.
3. António Faria será Fernão Mendes Pinto? – hipótese que me ficou de uma primeira leitura adolescente da versão organizada por Aquilino Ribeiro.

<sup>5</sup> LOURENÇO, 1989: 1053-1062.

<sup>6</sup> SEIXO, 1999: 191-211.

<sup>7</sup> CORREIA, 1983: 85-86.

<sup>8</sup> CASTRO, 1984.

<sup>9</sup> CARVALHO, 1999: 165-183.

<sup>10</sup> CUSATI, 1971: 227-233.

<sup>11</sup> REALI, 1969: 225-233.

<sup>12</sup> GÓMEZ TABANERA, 1972.

<sup>13</sup> PINHO, 1966.

<sup>14</sup> MARGARIDO, 1990: 159-199.

<sup>15</sup> COELHO, 2001: 12-13.

4. Visão (premeditadamente?) ingénuo dos acontecimentos, crítica severa (involuntária?)
5. Utilização do exótico como instrumento de crítica social. A descrição exótica é levada a um extremo tal, que se converte em proposta de utopia – utopia política, social, religiosa.
6. Conceção (algo implícita) de um Deus que se situa acima da pluralidade das religiões e dos rituais.
7. Riqueza psicológica das figuras.
8. A descrição é feita de um ponto de vista utilitário. A paisagem não chega a existir como paisagem, contemplação despreocupada. Os elementos descritivos fazem parte de uma manobra prática muito concreta, e com interesses definidos.
9. Obsessão numérica.
10. Exagero, desmesura, mentira: «Mentes? Minto».
11. Grande apuro na arte de narrar episódios breves.
12. Sentido teatral das situações.

Se hoje contemplamos a bibliografia sobre a *Peregrinação*, podemos encontrar áreas privilegiadas, e áreas claramente deficitárias, como a dos estudos sobre a formação cultural de Fernão Mendes Pinto, a dos estudos estilísticos e a dos estudos intertextuais. Mau grado contribuições como as de Aníbal Pinto de Castro, ainda está por fazer o estudo sistemático dos autores lidos por Fernão Mendes Pinto, ou dos que dele beneficiaram, alguns com nomes tão sonantes como os de Jonathan Swift e Guimarães Rosa. Mas também nos parece que ainda está por estudar a teoria da viagem, ou da literatura de viagem da *Peregrinação*.

Quase toda a crítica chama a atenção para este título, em que quase todos vêem uma conotação e justificação religiosa. Eduardo Lourenço falou na duplicidade do título completo, mas só porque mistura as referências a aventuras e a Francisco Xavier; Alberto Carvalho também referiu a sua «expressiva duplicidade funcional», mas vendo na palavra «peregrinação» um substantivo e um verbo. O padre José da Silva Lima publicou em 2007 *A Peregrinação: Percursos e Palavra*, mas não se ocupou da história da palavra nem pensou especialmente na obra de Fernão Mendes Pinto, como pensou o padre Domingos Maurício, que até se deu ao gozo do trocadilho: «A *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto e algumas opiniões peregrinas»<sup>16</sup>. José Luís García<sup>17</sup> admitiu a leitura religiosa do título, mas considerou que pode haver outras. Na realidade «peregrinação» deriva de «peregrinus», que designava pura e simplesmente «estrangeiro» e que, de acordo com Alain Rey<sup>18</sup>, deriva de «peregre» ou «pereгри», que para alguns é composto de «ager» (campo) mais «per» – «o que anda pelo campo, pela terra» – e para outros de «ager» e do elemento indo-europeu «paro» – afastado, longínquo, exilado; terá sido no século XI ou

<sup>16</sup> MAURÍCIO, 1962: 565-573.

<sup>17</sup> GARCÍA, 1995.

<sup>18</sup> REY, 1992.

XII que a palavra pas sou a nomear um viajante religioso, sem que, como no caso da palavra «anedota», o segundo sentido tenha abolido o primeiro. Note-se, aliás, que já foi admitida por Francis M. Rogers a hipótese de Fernão Mendes Pinto ter lido o livro que se chamava *Peregrinaggio di Tre Giovani Fugliuoli del Re di Serendippo*, publicada por Armeno Christoforo em 1557<sup>19</sup>, que o Chevallier de Mailly traduziu em 1719 por *Le Voyage et les Aventures des Trois Princes de Serendip*.

O conceito de «peregrinação» não implica necessariamente o mundo ocidental ou cristão (veja-se, a propósito, *Histoire des Pèlerinages non Chrétiens – Entre Magique et Sacré, le Chemin des Dieux*<sup>20</sup>) ou não implica obrigatoriamente o mundo religioso, que encontramos, por exemplo, na etimologia de «romaria» ou de «romagem», palavras que remetem para a Roma cristã; mas essas palavras também podem ser usadas como metáforas de viagens pagãs ou laicas. A «peregrinação» religiosa, diferente da outra, supõe a existência de um «centro» ou pólo religioso, de um lugar sagrado ou de um santuário a que se chegue para cumprir promessas ou para obter algum bem material ou espiritual e de que pelo menos se deseje voltar regenerado, purificado, abençoado: Delfos, Roma, Benares, Meca, Santiago de Compostela, Fátima...

A *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto está carregada de alusões ao divino – Deus, Nosso Senhor, Senhor Onnipotente, Jesus Cristo, Rei do Céu, Providência Divina, Nossa Senhora, Nossa Senhora das Dores, S. Pedro, S. Miguel, Santa Luzia...; contém muitas referências a missões e a padres, como o P. Belchior e o P. Francisco Xavier; alude com frequência a rituais religiosos – procissões, confissões públicas, orações, pedidos de clemência e de misericórdia divina. Mas não fala de nenhuma peregrinação propriamente dita, nem nenhum dos seus personagens parece preocupado com alguma, ou com o objectivo final da chegada a um santuário, a um centro ou a um lugar sagrado. Bem pelo contrário: se valorizarmos, como devemos valorizar, e a crítica tem valorizado, o episódio narrado no Cap. LXXVI, sobre a invasão, o assalto, o saque e a violação do santuário búdico de Calemplui por António de Faria e seus companheiros, teremos de falar com pertinência de uma *anti-peregrinação* na *Peregrinação*.

Não se pense, porém, que o título *Peregrinação* é impertinente ou irrelevante, e que poderia ser facilmente substituído por supostos sinónimos como jornada, passeio, caminhada, expedição, deambulação... A «peregrinação» – e a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto – não fala de uma unidade temporal, como a «jornada» (à letra, um dia de viagem), mas de um tempo desestruturado ou sincopado; não sugere a ideia, como «caminhada», de uma linearidade espacial, um percurso contínuo, um itinerário ou uma rota mais ou menos definida, mas, sim, a de alguma errância ou vagabundagem; não projecta, como «passeio», ou «deambulação», um viajante dado ao ócio ou ao lazer, *flâneur*, turista, mas um viajante que se expõe a perigos e sacrifícios e enfrenta medos e obstáculos; não supõe uma viagem organizada e com um objectivo científico, militar ou outro, como «expedição», mas uma viagem solta, à solta.

<sup>19</sup> GARCÍA, 1995: 13.

<sup>20</sup> CHELINI & BRANTHOMME, 1987.

Tanto que até mesmo quando à partida poderia prever-se o serviço de causas nobres, religiosas ou não, o «peregrino» ou os «peregrinos» de Fernão Mendes Pinto podem ver-se instigados pela natureza ou pelos homens (tempestades, temporais, naufrágios, pestes, massacres, fomes, doenças, mas também guerras, perseguições, conflitos, aventuras, paixões, ambições, ganâncias, vinganças...) a mudar de itinerário ou de rota, a cometer crimes, a roubar e violentar, a perder-se em «feitos tão sujos» ou «tão fora de toda a razão e entendimento humano». Fernão Mendes Pinto, que escrevia na década de 60, talvez tivesse lido ou tivesse tido conhecimento da obra corajosa que, em 1552, publicara em Sevilha o padre Bartolomé de las Casas com o também expressivo título *Brevisima Relación de la Destrucción de las Indias*, em que dá conta dos massacres e dos crimes cometidos pelos colonizadores espanhóis em terras americanas.

Mas a palavra «peregrinação» não remete apenas para a diegese da obra ou para as aventuras do autor e dos seus companheiros. Ela comparece logo no primeiro capítulo, na seguinte passagem: «E tomando para princípio desta minha peregrinação o que passei neste Reino». Pode não ser evidente que «peregrinação» implica aqui a presente narrativa ou narração, mas no último capítulo, onde também curiosamente comparece, há menos lugar para dúvidas: «por causa dos desventurados sucessos que atrás no decurso desta minha tão longa peregrinação, largamente deixo contados». Estamos, assim, perante dois tipos de peregrinação, a do narrado e a da narração ou do narrar, que parecem equivaler-se, como se escrever (e recordar) fosse também um modo de peregrinar, ou como se houvesse identificação entre o «decurso» ou «discurso» da vida e o da memória ou da escrita que se dá explicitamente – mesmo se duvidosamente – como autobiográfica.

Na *Peregrinação* entram inúmeros personagens, e alguns com grande destaque (António de Faria, os padres Belchior e Francisco Xavier...), mas não será demasiado ousado dá-la como um «romance» de personagem, com um narrador homo e autodiegético, que às vezes se vê só

- *E vendo-me a mim só*
- *E cabendo-me a mim um dia ir ao mato*

às vezes se vê integrado num grupo, reduzido ou amplo

- *eu e os outros tão desamparados como eu*
- *Jorge Mendes e os outros dois de nós*
- *um dos nossos*
- *e mandando-nos a todos nós*

e às vezes desaparece de cena, narrando na terceira pessoa, mas quase sempre por pouco tempo.

Em qualquer dos casos, falando de si ou de outros, narrando em directo ou por interposta pessoa, Fernão Mendes Pinto sabe seleccionar o interessante e o essencial, que nunca perde de vista mesmo em frases muito longas ou parentéticas, foge à tentação do enfeite

aliteratado («para não gastar palavras no encarecimento»), preza o discurso directo e oralizante, mas bem menos a descrição – ainda que goste muito de números e possa ser minucioso, por exemplo, na célebre descrição de Pequim. O que parece preocupá-lo é a intensidade, a vivacidade ou a vitalidade evocativa e narrativa, não receando por isso recorrer a vários tipos de texto, como referiu o já citado José Manuel Garcia, nem se preocupando com os cânones literários do seu tempo.

Embora saibamos pouco sobre a formação cultural de Fernão Mendes Pinto, e embora dele só conheçamos um livro e algumas cartas, facilmente nos damos conta do seu saber literário e linguístico; a *Peregrinação* está bem longe de ser a «rude e tosca escritura» que o tópico da modéstia o leva a anunciar logo nas primeiras linhas, onde também diz, modestamente, que a destina apenas a seus filhos («só para eles é minha intenção escrevê-la»); mas 6 ou 7 linhas adiante prevê um auditório bem mais vasto: «Daqui por um lado tomem os homens motivo de não desanimarem». E a verdade é que a recepção da sua obra lhe garantiu um lugar honroso na história da literatura portuguesa, na história da literatura universal e, em especial, na história da literatura de viagens.

Na *Peregrinação*, Fernão Mendes Pinto afirma-se como escritor, mas também se evidencia com outras qualidades: mercador, marinheiro, militar, diplomata, irmão leigo dos jesuítas, e até pirata, mas sobretudo viajante. Não é por acaso que a *Peregrinação* é «um dos mais interessantes» livros de viagens da literatura universal, como escreveu António José Saraiva. Fidelino de Figueiredo apontou entre as características da literatura portuguesa a existência de um ciclo de literatura de viagens, ligada aos descobrimentos, e ocupando um lugar importante na história da literatura universal<sup>21</sup>. E sabemos que, se quase não há literatura que não aluda a viagens, há uma importante área da literatura universal constituída por específicos livros de viagens. Estes têm de ter a viagem como tema central ou dominante; e o tema pode desdobrar-se em subtemas, do tipo: motivações da viagem, duração da viagem, espaços iniciais, mediais e finais da viagem, experiências da viagem, consequências da viagem.

Fernão Mendes Pinto não é muito explícito a respeito dos motivos da sua viagem. Confessa que até cerca dos 12 anos viveu «na miséria e estreiteza da casa de seu pai» em Montemor-o-Velho, que um tio o levou (sua primeira viagem) para Lisboa, onde serviu uma senhora nobre cerca de ano e meio, e de onde, com a vida em risco, se viu obrigado a fugir (segunda viagem) – sem «saber por onde ia» –, para o Cais da Pedra, aí tomando uma caravela para Setúbal (terceira viagem, esta já marítima); tal caravela foi tomada por corsários franceses, que o maltrataram e aos outros sequestrados, e que o queriam ir vender a Larache, no Norte de África, mas depois rumaram em direcção a França, acabando por o soltar numa praia não longe de Setúbal, onde por outro ano e meio serviu, como moço de câmara, o fidalgo Francisco de Faria; mas como o que aí ganhava não bastava para a sua «sustentação», resolveu embarcar para a Índia, em 1537.

Dir-se-ia que a experiência em Portugal do iniciante viajante como que prenunciava a do viajante futuro, que durante 21 anos iria passar por «muitos e grandes trabalhos e

---

21 FIGUEIREDO, 1993.

infortúnios», tendo sido «treze vezes cativo e dezassete vendido». Embora nada diga sobre a opção pelo Oriente, e não pela África ou pelo Brasil, sabe-se do lugar que o Oriente ocupava então no imaginário português, e não custa acreditar que ele aparecesse como lugar utópico, como o que em 1516 inventara Thomas Morus, ou quase utópico, um lugar de atracção para quem, como Fernão Mendes Pinto, queria «fugir» da Pátria madrastra, ou queria simplesmente sobreviver dignamente, se não euforicamente.

A macroviagem de Fernão Mendes Pinto, feita sobretudo a pé ou em barcos de vários tipos – galé, galeota, batel, junco, lanchara, fusta, manchua, etc. – mas também, eventualmente, em lombo de animal, teve uma *duração* de 21 anos, implicou a travessia de um vasto *espaço* – terrestre, marítimo, fluvial, sobretudo litoral – que se estendia da Etiópia aos confins da Ásia, pediu ou determinou vários tipos de *visão* – panorâmica, grande plano, interna, externa, parada, em movimento... –, obrigou, por circunstâncias ou acidentes muito diversos, a mudanças de direcção ou de rota, a interrupções, a recuos e avanços, obedeceu a diferentes motivações: curiosidade e aventura, comércio e negócios, diplomacia e contactos, catequese ou missões religiosas...

Na sua generalidade, a macroviagem e as microviagens de Fernão Mendes Pinto revelaram-se deceptivas, salvo como experiências humanas ou lições de vida, que quis deixar como herança aos filhos, a quem sabia que não poderia deixar a herança de grandes bens materiais. Nem a capacidade de adaptação e a resistência de que o viajante sempre deu provas, nem o modo humanista como soube avaliar culturas que nunca julgou inferiores à sua o impediram de regressar à Pátria, carregado não de «ouro, aljófar pedrarias» ou de pimenta e canela, mas de frustrações e de culpas, que de algum modo também quer confessar e expiar escrevendo a *Peregrinação*. «Pobre de mim!» – exclama ele por seis vezes ao longo da sua obra.

Este objectivo religioso, idêntico ao de um peregrino cristão, comparecia claramente ao lado do objectivo laico com que Fernão Mendes Pinto justificara a produção da obra e a sua autopromoção, ou a da sua vida, como *exemplum*: «por um lado tomem os homens motivo de não desanimarem com os trabalhos da vida para deixarem de fazer o que devem, porque não há nenhuns, por grandes que sejam, com que não possa a natureza humana, ajudada do favor divino, e por outra me ajudem a dar graças ao Senhor omnipotente por usar comigo da sua infinita misericórdia, apesar de todos os meus pecados, porque eu entendo e confesso que deles me nasceram todos os males que por mim passaram, e dela as forças e o ânimo para os poder passar e escapar deles com vida» (Cap. I).

Neste sentido, as viagens de Fernão Mendes Pinto e todas as viagens, pelo que supõem de busca, de provas ou provações e de aquisição de conhecimentos, parecem cumprir funções religiosas para que a literatura sempre apontou. Ao contrário do que frequentemente se diz, a literatura de viagens não nasceu com os gregos; já a encontrávamos no *Livro dos Mortos* egípcio, cujos textos, escritos antes do século XVII a. C., sinalizam a viagem do morto para a imortalidade, como já a encontrávamos nos mais antigos livros da Babilónia, da China, da Índia e também no Velho Testamento. Sabemos do sucesso de alguns mitos relacionáveis com a viagem – Aashverus, os Argonautas,

Ulisses, Ícaro, Sísifo. Sabemos da exemplaridade de obras como a *Odisseia*, a *Divina Comédia*, *Os Lusíadas*, o *Dom Quixote*, ou, noutro registo, o *João de Calais*, ou a *Viagem a São Saruê*. Sabemos da fortuna das concepções do homem como *homo viator*, ou da vida como viagem, e da viagem como metáfora da vida vivida ou por viver.

Mas, nas últimas décadas, os livros de literatura de viagens multiplicaram-se e diversificaram-se, ao mesmo tempo que se impunha o turismo de massa, ou que se assistia à proliferação de transportes, de diverso tipo, à invenção das intercomunicações planetárias e até às primeiras viagens astronáuticas. A melhor literatura de viagens (Bruce Chatwin, Paul Theroux...) projecta um novo tipo de viajante, que se parece com o viajante da *Peregrinação*: curioso, inquiridor, atento, menos interessado no espectáculo exótico do que no conhecimento ou no entendimento dos humanos, dos seus comportamentos ou sentimentos, por mais distintos que sejam; despido de etnocentrismos ou de preconceitos de superioridade cultural; com apurado sentido crítico mas também com intenso sentido convivial; e com uma insaciável ou sempre renovada volúpia da viagem.

Na literatura das últimas décadas podemos encontrar teorias da viagem ou da literatura de viagem que a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto também parece autorizar. Por exemplo, a dos versos de Pessoa (*Cancioneiro*)

*Viajar! Perder países!  
 Ser outro constantemente.*

Ou a dos versos de Antonio Machado (*Campo de Castilla*):

*Caminante, no hay camino,  
 se hace camino al andar.*

Ou a de Paul Theroux que, no livro *O Velho Expresso da Patagónia*, concebe a viagem como um acto de desaparecimento, ou defende que o mais importante na viagem não é a chegada a um lugar qualquer, mas é a própria viagem, as peripécias ou vicissitudes do percurso, a sucessiva ultrapassagem das provas, das provações e das privações, a abertura ou a entrega às experiências do caminho...

Como Ulisses, Fernão Mendes Pinto também fechou o ciclo ou o círculo da viagem, retornando à terra de onde partira, e onde o não esperava nenhuma Penélope (só depois conheceria a mulher com quem casou e de quem teve filhos). Mas dele não poderia dizer-se exactamente o que o poeta seu contemporâneo Joachim du Bellay (1522-1560) escreveu num célebre soneto: «Heureux qui, comme Ulysse, a fait un beau voyage»<sup>22</sup>...

No momento em que se dispõe a contar a sua viagem longa no espaço e no tempo, nem ela lhe parece bela, pois a vê pontuada de «trabalhos e infortúnios», ou até de «males» e «pecados», nem o presente – mau grado o retorno «plein d'usage et raison» e a consciência da sobrevivência, por que dá «graças ao Rei do Céu» – lhe parece risonho,

<sup>22</sup> DU BELLAY, 1558.

pois se recolhe «com essa miséria» que trouxera consigo, e para obter uma reforma ou uma pensão, que só chegou poucos meses antes de morrer, teve de enfrentar uma burocracia que lhe deu trabalhos «mais pesados» do que os da viagem, queixando-se respeitosamente do «quão pouco» conseguiu com os seus «serviços de vinte e um anos».

É possível que o fim da viagem lhe lembrasse o fim da vida, e a entrada na velhice estimulasse o pessimismo, a lamúria e a religiosidade do resistente viajante e aventureiro de outrora. Mas a verdade é que ele não era só um daqueles aventureiros portugueses corajosos, pragmáticos e vivaços que contribuíram para a construção de um grande império; ele era também o escritor de uma obra que seria dada como obra prima da literatura mundial e que fala justamente dos «trabalhos» duros e custosos dessa construção, de uma obra que António José Saraiva com alguma razão classificou como «anti-epopeia»<sup>23</sup>.

Nela, como na epopeia que Camões acabara de compor e de publicar, nós vemos bem como o «bicho da terra tão pequeno», ou o «pobre» e «desamparado» viajante do Oriente e do Ocidente, por feitos valorosos, pela sua coragem, pela sua atenção e pelo seu esforço pôde, afinal, fazer a viagem gloriosa que o levou à imortalidade, que o foi da lei da morte libertando.

## BIBLIOGRAFIA

- AIRES, Cristóvão (1904) – *Fernão Mendes Pinto. Subsídios para a sua bibliografia e para o estudo da sua obra*. Lisboa.
- CARVALHO, Alberto (1999) – «Representação do espaço em “Peregrinação de Fernão Mendes Pinto”». In *A Vertigem do Oriente, Modalidades discursivas no encontro de culturas*, p. 165-183. Lisboa – Macau: Instituto Português do Oriente.
- CASTRO, Aníbal Pinto de (1984) – *Introdução a Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*. Porto: Lello & Irmão – Editores.
- CATZ, Rebecca (1978) – *A sátira social de Fernão Mendes Pinto: análise crítica da Peregrinação*, 358 p. Lisboa: Prelo. (Coleção «Estudos e ensaios», 2).
- \_\_\_\_ (1981) – *Fernão Mendes Pinto: sátira e anti-cruzada na «Peregrinação»*, 128 p. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- CATZ, Rebecca (1989) – *Fernão Mendes Pinto. Peregrinação e cartas*. 2 vols. Fixação de texto de Rebecca Catz. Lisboa: Afrodite, 1989.
- CHELINI, Jean; BRANTHOMME, Henry (1987) – *Histoire des pèlerinages non chrétiens – Entre magique et sacré, le chemin des dieux*. Paris. Hachette.
- COELHO, Eduardo Prado (2001) – *Prefácio à obra PINTO, Fernão Mendes – Peregrinação*. Lisboa: Relógio d'Água.
- CORREIA, João David Pinto (1983) – Recensão a CATZ, Rebecca – «Fernão Mendes Pinto: Sátira e Anticruzada na “Peregrinação”». Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1981. *Revista Colóquio/Letras. Recensões Críticas*, n.º 74 (Julho), p. 85-86.
- CORTESÃO, Armando (1943) – «Fernão Mendes Pinto não Era de Origem Judaica». *Seara Nova*, n.º 842.
- CUSATI, Maria Luisa (1971) – *Note Lessicali: Terminologia mercantile nella peregrinação di Fernão Mendes*, p. 227-233. Napoli.

<sup>23</sup> SARAIVA, 1980: 343-492, 352.

- DU BELLAY, Joachim (1558) – Soneto *Heureux qui, comme Ulysse, a fait un beau voyage*. In *Les Regrets autres oeuvres poétiques de Joachim Du Bellay...* A Paris: de l'imprimerie F. Morel.
- FARIA, Francisco Leite de (1995) – *As muitas edições da «Peregrinação» de Fernão Mendes Pinto*. Maia: Castoliva Editora; Comissão Nacional para os Descobrimentos.
- FIGUEIREDO, Fidelino de (1993) – *A Épica Portuguesa no Século XVI*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- GARCIA, José Manuel (1995) – Apresentação de PINTO, Fernão Mendes – *Peregrinação*, p. 13 (ed. facsimilada da ed. de Lisboa: Por Pedro Crasbeeck, 1614). Maia: Castoliva.
- GÓMEZ TABANERA, José (1972) – *Fernão Mendes Pinto y el conocimiento etnográfico de Lejano Oriente en el siglo XVI*. Porto: Junta Distrital.
- LAS CASAS, Bartolomé de (1552) – *Brevissima relacion de la destruycion de las Índias*. Seville: Sebastian Trugillo.
- LIMA, José da Silva Lima (2007) – *«A Peregrinação»: Percursos e Palavra*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- LOURENÇO, Eduardo (1989) – «Peregrinação e Crítica Cultural Indirecta». In *Fernão Mendes Pinto, Peregrinação e Cartas. Comentários Críticos*, 2.º vol., p. 1053-1062. Lisboa: Edições Afródite.
- MACHADO, Antonio (2006) – *Campos de Castilla*. 15.ª ed. Madrid: Cátedra.
- MARGARIDO, Alfredo (1990) – *La multiplicité des sens dans l'écriture de Fernão Mendes Pinto et quelques problèmes de la littérature de voyages au XVI<sup>e</sup> siècle*. Lisboa: Edições «O Jornal»/Limiar, p. 159-199 (separata de «Arquivos do Centro Cultural Português», vol. XI).
- MAURÍCIO, Domingos (1962) – «A “Peregrinação” de Fernão Mendes Pinto e algumas opiniões peregrinas». *Brotéria*, vol. 74, p. 565-573. Lisboa.
- MONTEIRO, Adolfo Casais (1983) – *Peregrinação. Fernão Mendes Pinto*. Transcr. de Adolfo Casais Monteiro. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- PESSOA, Fernando (1990) – *Cancioneiro*. Lisboa: Multilar (Colecção «Obras de Fernando Pessoa. Poesia», 5).
- PINHO, Clemêncio Segundo (1966) – *A Linguagem de Fernão Mendes Pinto segundo un sistema de Conceitos*. São Paulo: Universidade de Araraquara.
- RAMOS, Rui (coord.); SOUSA, Bernardo Vasconcelos e; MONTEIRO, Nuno Gonçalo (2009) – *História de Portugal*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- REALI, Erilde Melillo (1969) – *Note sull'esotismo linguistico nella «Peregrinação» di Fernão Mendes Pinto*. «Annali», II, p. 225-233. Istituto Universitario Orientale, Sezione Romanza.
- REY, Alain (1992) – *Dictionnaire historique de la langue française*.
- SARAIVA, António José (1980) – «Fernão Mendes Pinto ou a sátira picaresca da ideologia senhorial». In *História da Cultura em Portugal*, vol. III, p. 343-492; 352. Lisboa.
- SEIXO, Maria Alzira (1999) – «Rotas semânticas e narrativas». In SEIXO, Maria Alzira; ZURBACH, Christine (org.) – *O Discurso Literário da Peregrinação*, p. 191-211. Lisboa.
- THEROUX, Paul (2009) – *Velho Expresso da Patagónia*. [Lisboa]: Quetzal Editores (Colecção «Serpente emplumada»).